

Petrobras corta a conta-gotas os preços de combustíveis às vésperas da eleição

Para economista, estratégia indica pressão política; estatal diz que reajustes não têm data certa

Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO Levantamento feito pelo OSP (Observatório Social do Petróleo) a pedido da Folha mostra que a Petrobras adotou estratégias diferentes de precificação dos combustíveis nos momentos de alta e de baixa das cotações internacionais do petróleo em 2022.

Quando o petróleo subia, a empresa reajustava menos e praticava preços abaixo dos internacionais, segurando os repasses. Com o petróleo caindo, passou a anunciar reduções frequentes e acompanhar o mercado externo mais de perto.

Para Eric Gil Dantas, economista do OSP e do Instituto Brasileiro de Estudos Políticos e Sociais, os dados indicam que a execução da política de preços da Petrobras esteve sujeita a pressões políticas durante o ano eleitoral. "Até junho, a associação teve que manter os preços abaixo do PPI. Mas quando chega julho, passa a praticar preços iguais ou até superiores", diz Dantas.

Petrobras diz que reajustes não têm frequência definida. A Petrobras afirmou em nota que não há periodicidade definida para os reajustes de diesel e gasolina. "A companhia segue buscando o equilíbrio dos seus preços com o mercado, mas sem o repasse para os preços internos da volatilidade conjuntural das cotações internacionais e da taxa de câmbio".

A empresa disse ainda que não existe referência única

de comparação de preços do mercado internacional. "Para demonstração, basta observar que duas renomadas agências de informação, Angus e Platts, publicam referências de preços para o Brasil com diferenças significativas", informou.

No primeiro semestre, enquanto as cotações do petróleo disparavam em resposta à Guerra da Ucrânia, a Petrobras promoveu três aumentos no preço da gasolina. A partir de julho, quando o risco de recessão global, já foram quatro cortes.

Com o diesel, a estratégia foi semelhante, embora com menos margem para quedas, já que o produto vem sendo pressionado pela necessidade do mercado europeu por alternativas ao gás natural da Rússia: foram quatro aumentos no primeiro semestre e dois cortes apenas em agosto. Isso mesclava a associação é que a empresa vem promovendo reajustes a conta-gotas, baixando os preços com maior frequência e menor intensidade para gerar fatos positivos para a campanha à reeleição de Jair Bolsonaro (PL).

A partir da posse de Caio Pires de Andrade na presidência, a estatal passou a anunciar cortes de preços quase semanais. Passou, inclusive, a divulgar reajustes de produtos que antes não eram divulgados oficialmente, como que-rose de aviação e asfalto.

Entre os dias 19 de julho e 1º de setembro, foram nove anúncios, que são usados pelo presidente e seus apoiadores

A Petrobras sob Bolsonaro

Gasolina

Em R\$ por litro



Diesel

Em R\$ por litro



Fonte: OSP, com dados Petrobras e ANP

IPCA tem 2ª queda seguida em agosto, e inflação em 12 meses fica abaixo de 10%

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO O IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) voltou a registrar deflação (queda) com o impacto da baixa dos combustíveis, enquanto produtos como os de higiene pessoal, vestuário e parte dos alimentos mostraram alta.

Em agosto, o índice oficial de inflação do país teve baixa de 0,36%, conforme dados divulgados nesta sexta-feira (9) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Analistas projetavam uma queda mais forte, de 0,40%, de acordo com a agência Bloomberg. A deflação de agosto é a segunda consecutiva - a baixa havia sido mais intensa em julho, de 0,68%.

Com a trégua, a inflação voltou a um dígito no acumulado de 12 meses. A alta dos preços atingiu 8,73% até agosto, após 10,07% até o mês anterior.

O acumulado estava acima de 10% desde setembro de 2021. Uma sequência tão longa não ocorria desde o intervalo de 2002 a 2003. A época, o índice permaneceu acima de 10% por 13 meses consecutivos, de novembro de 2002 a novembro de 2003.

Mesmo com a perda de força, o IPCA caminha para esgotar a meta de inflação perseguida pelo BC (Banco Central) pelo segundo ano consecutivo. Em 2022, o centro da medida de referência é de 3,50%, com teto de 5%.

A carestia às vésperas das eleições pressiona o governo de Jair Bolsonaro (PL), que teme os efeitos da perda do poder de compra dos brasileiros. Para tentar reduzir os danos, o governo aposta no corte de tributos.

Bolsonaro sancionou em 23 de junho a lei que definiu o teto para cobrança de ICMS (imposto estadual) sobre combustíveis, energia, transporte e telecomunicações.

Um dos reflexos foi a queda dos preços da gasolina, o subitem com maior peso na composição do IPCA. A Petrobras também passou a cortar os valores dos combustíveis nas refinarias com o alívio das cotações do petróleo.

Assim como ocorreu em julho, o IPCA de agosto foi influenciado principalmente pela queda do grupo de transportes. Os preços do segmento recuaram 3,37% no mês passado. A contribuição foi de -0,72 ponto percentual no índice.

A queda de transportes veio com a retração dos combustíveis, que chegou a 10,82%. Em agosto, os quatro pesquisados tiveram deflação: gás veicular (-2,12%), óleo diesel (-3,76%), etanol (-8,67%) e gasolina (-11,64%).

Gasolina, sozinha, teve impacto de -0,67 ponto percentual. Foi a principal contribuição individual para a deflação. "Isso mostra o tamanho da distorção que a gasolina tem feito no índice como um todo", avaliou André Perfeito, economista chefe da Necton Investimentos, em relatório.

"Não fosse a gasolina, estaria-mos vendo altas no indicador." O grupo comunicação (-1,10%) também recuou em agosto, com impacto de -0,06 ponto percentual. A variação decorreu especialmente da baixa dos planos de telefonia fixa (-6,71%) e móvel (-2,67%). Essa trégua também pode estar associada ao teto de ICMS, indicou Pedro Kislakov, gerente da pesquisa do IPCA.

Os outros sete grupos pes-

quisados pelo IBGE subiram em agosto. O destaque partiu de saúde e cuidados pessoais (1,31%), com contribuição de 0,17 ponto percentual. O resultado veio no embalo da carestia de higiene pessoal (2,71%) e planos de saúde (1,13%).

A maior variação positiva entre os grupos foi de vestuário: 1,69%. Roupas femininas (1,92%), masculinas (1,84%) e calçados e acessórios (1,77%) exerceram as principais influências. O grupo de alimentação e bebidas até perdeu fôlego, mas continuou em alta. O avanço foi de 0,24% em agosto, após 1,30% em julho.

Produtos importantes da mesa das famílias brasileiras registraram inflação, indicou o IBGE. Frango em pedaços (2,87%), queijo (2,58%) e frutas (1,35%) fazem parte da lista.

Houve quedas, por outro lado, dos preços do tomate (11,25%), da batata inglesa (10,27%) e do óleo de soja (-5,56%). O IBGE ainda destacou a baixa de 1,78% do leite longa vida, após disparada de 25,46%.

Kislakov ponderou que, mesmo com alívio, os preços do leite ainda seguem em patamar elevado. Sinal disso é que, em 12 meses, o produto acumula inflação de 60,8%.

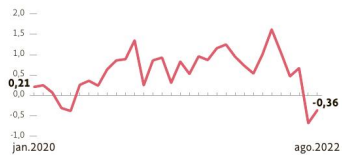
"Nos últimos meses, os preços do leite subiram muito. Como estamos chegando ao fim do período de entressafra, que deve seguir até setembro ou outubro, isso pode melhorar a situação", diz.

O alívio em agosto ajudou a alimentação no domicílio a ficar perto da estabilidade (0,01%). O resultado veio após alta de 1,47% em julho. A alimentação fora do domicílio, por outro lado, acelerou pa-

Inflação no Brasil

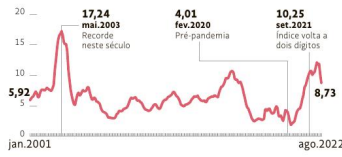
IPCA mensal

Variação em %



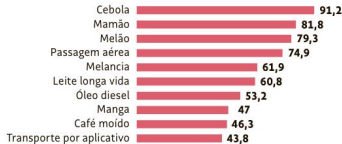
IPCA no acumulado de 12 meses

Variação em %



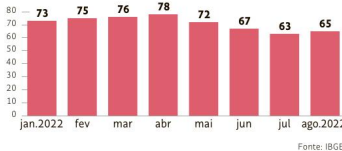
Dez maiores altas em 12 meses

Variação em %, até ago. 2022



Índice de difusão

Mede o percentual de produtos e serviços pesquisados que registraram altas, em %



Fonte: IBGE

na campanha e em redes sociais. Seus efeitos na inflação também são comemorados pelo governo como sinais de melhora da economia.

A oposição, por outro lado, ironiza a estratégia dizendo que os cortes são anunciados após a divulgação de pesquisas que mostram o candidato petista Luiz Inácio Lula da Silva a frente.

Nesta sexta (9), por exemplo, o IBGE informou que o IPCA teve a segunda deflação seguida, fechando agosto em -0,36%. O desempenho foi influenciado principalmente pela queda do grupo de transportes, que recuou 3,37% no mês, contribuindo com -0,72 ponto percentual no índice.

Isto é, mais do que compensou a alta de sete outros grupos, principalmente saúde, vestuário e alimentação. O movimento de queda nos preços dos combustíveis, principalmente a gasolina, começou com a aprovação, pelo Congresso, de lei que reduziu impostos federais e estaduais. Se acentuou nas últimas semanas, com a queda das cotações internacionais do petróleo.

Fontes na Petrobras dizem que a estratégia previa anúncios semanais de cortes de preços até o primeiro turno da eleição, no primeiro fim de semana de outubro, mas não houve qualquer anúncio nesta semana, embora estimativas do mercado indiquem margem para queda na gasolina.

Segundo a Abicom (Associação Brasileira dos Importadores de Combustíveis), o preço médio da gasolina nas refinarias brasileiras estava R\$ 0,36 por litro mais caro do que a paridade de importação na abertura do mercado desta sexta.

Os dados da associação mostram que o preço médio no país não fica abaixo do internacional desde o dia 27 de julho, mesmo que a Petrobras tenha promovido três cortes no valor cobrado por suas refinarias neste período.

ra 0,89% em agosto, depois de avanço de 0,82% em julho. Segundo economistas, as refeições fora de casa são impactadas pela volta do consumo em bares e restaurantes depois da pandemia.

Em 12 meses, o grupo alimentação e bebidas acumulou inflação de 13,43%. A variação só é inferior à alta do vestuário, que chegou a 17,44% em agosto. Os transportes acumularam avanço de 7,62%, mesmo com o recente alívio dos combustíveis. Comunicação é o grupo com a menor alta em 12 meses: 2,26%.

Projeções indicam taxa oficial perto de 6% neste ano

A partir de medidas como o teto de ICMS, analistas reduziram nas últimas semanas as projeções para a inflação no acumulado de 2022.

A estimativa do mercado financeiro recuou para algo de 6,61%, conforme a mediana do boletim Focus, divulgado na segunda-feira (5) pelo BC.

Nesta sexta, o banco Santander Brasil revisou sua projeção para 6,3%. A estimativa anterior, de julho, era de 7,9%.

O Itaú Unibanco também deve reduzir sua previsão nos próximos dias. A alta estimada por ora é de 7%.

Conforme Julia Gottlieb, economista do Itaú Unibanco, o IPCA deve mostrar uma nova deflação em setembro, ainda sob efeito dos cortes tributários. A queda, segundo ela, deve ser menos intensa do que as verificadas em julho e agosto.

A divulgação desta sexta é a última do IPCA antes do primeiro turno das eleições, agendado para 2 de outubro. Os dados da inflação de setembro serão conhecidos em 11 de outubro.